

Paisagens urbanas em mutação: o caso da Feirinha em Araguaína, TO

Changing urban landscapes: the case of Feirinha in Araguaína (TO, Brazil)

Cambio de paisajes urbanos: el caso de Feirinha en Araguaína (TO, Brasil)

Eliseu Pereira de Brito

<https://orcid.org/0000-0002-2788-6636>

pereiradebrito@gmail.com

Universidade Federal do Norte do Tocantins, UFNT, Araguaína, TO, Brasil

Osmar Oliveira de Moura

<https://orcid.org/0000-0002-5876-8579>

osmaroliveirademoura123@gmail.com

Universidade Federal de Tocantins, UFT, Araguaína, TO, Brasil

Luciane Cardoso do Nascimento Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0001-9477-6157>

luciane.cardoso25@hotmail.com

Universidade Federal de Tocantins, UFT, Araguaína, TO, Brasil

Patrícia Fonseca Dias Miranda

<https://orcid.org/0000-0003-0563-1453>

patriciafonseca@sescto.com.br

Universidade Federal de Tocantins, UFT, Araguaína, TO, Brasil

Resumo: O texto apresenta a problemática da ruptura na paisagem e seus efeitos no sentimento de pertencimento dos sujeitos des-re-alocados. Esta pesquisa qualitativa foi construída através de revisões bibliográficas e entrevistas com comerciantes da antiga Feirinha da Araguaína. O principal entendimento é de que a paisagem da Feirinha ditava um congelamento dos primeiros anos de formação do espaço urbano e, com o crescimento da cidade, esta paisagem passou a não mais ser aceita na área central. Com a nova Feirinha houve transformação do “lugar de subversão” pelo

lugar concebido do “*shopping* popular”. As transformações na paisagem provocaram dualidade nos sentidos desta para os comerciantes e para a população da cidade, de aceitação e exclusão do espaço.

Palavras-chave: Paisagem urbana-cultural, Transformações, Feira.

Abstract: The text presents the problematic of the rupture in the landscape and its effects on the sense of belonging of the de-allocated subjects. This qualitative research was built through bibliographic review and interviews with traders of the former Araguaína fair. The main understanding is that the landscape of the fair dictated a freezing of the first years of the formation of the urban space of Araguaína and, with the growth of the city, this landscape became no longer accepted in the central area. With the new fair, there was a transformation from the “place of subversion” to the conceived place of “popular fair”. The transformations in the landscape provoked duality in the meanings of the landscape for the traders and for the city’s population, of acceptance and exclusion from the space.

Keywords: Urban-cultural landscape, Transformations, Fair.

Resumen: El texto presenta la problemática de la ruptura del paisaje y sus efectos en el sentido de pertenencia de los sujetos desubicados. Esta investigación cualitativa se construyó a través de revisiones bibliográficas y entrevistas con comerciantes de la antigua Feirinha da Araguaína. El principal entendimiento es que el paisaje de la feria dictó un congelamiento de los primeros años de la formación del espacio urbano de Araguaína y con el crecimiento de la ciudad, este paisaje dejó de ser aceptado en el área central. Con la nueva Feirinha, el “lugar de la subversión” se transformó en el “centro comercial popular”. Las transformaciones del paisaje provocaron una dualidad en el significado del paisaje para los comerciantes y para la población de la ciudad, de aceptación y exclusión del espacio.

Palabras clave: Paisaje urbano-cultural, Transformaciones, Feira.

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende compreender as mutações na paisagem urbana da Feirinha em Araguaína e como esta dinâmica histórica-espacial influenciou nos sujeitos que faziam parte desta paisagem urbana-cultural. A pesquisa foi desenvolvida por métodos qualitativos utilizando das entrevistas e descrição in lócus. O foco das entrevistas foi compreender o processo de ocupação do espaço geográfico com as suas dinâmicas cotidianas representadas por sujeitos que fizeram parte desse processo e que, de certa forma, tinham alguma contribuição histórica e geográfica com a Feirinha. De acordo com Pereira (2013, p. 138), “as abordagens não podem esquecer-se da complexidade que é entender o ser humano e suas relações sociais cotidianas no lugar.”

Para entender a complexidade da relação do homem com a paisagem, foi realizada uma pesquisa qualitativa embasada por revisão bibliográfica e estudo de caso com os sujeitos que estão inseridos no processo da transformação, com o intuito de compreender as relações dos sujeitos com o lugar. Abordamos o conceito de paisagem cultural a partir do ponto de vista dos símbolos éticos e estéticos, discutindo-se a relação homem-paisagem e os sentimentos de pertencimento que estas materialidades causam nos sujeitos.

A paisagem faz parte do processo de formação histórica do espaço urbano da cidade de Araguaína (TO), iniciou no final da década de 1970 após o encerramento das atividades da Feira Livre no espaço hoje ocupado pela Praça das Bandeiras. A paisagem será abordada na pesquisa como uma categoria geográfica essencial para entender a influência dos sujeitos na sua formação inicial e ao longo do recorte temporal de quarenta anos, bem como quais foram as participações desses sujeitos nas transformações que estão ocorrendo recentemente no lugar. Será que os sujeitos que compõem essa paisagem desde o início da sua formação estarão inclusos nas mudanças que virão?

A pesquisa apresenta as mutações na paisagem urbano-cultural da Feirinha e como essas mudanças provocam nos sujeitos envolvidos uma perda do sentimento de pertencimento com o lugar. O remanejamento das pessoas para um novo local gerou conflitos e rejeições, uma vez que nem todos os feirantes farão parte da nova paisagem da Feirinha que se estrutura.

Para responder aos objetivos da pesquisa, o trabalho foi dividido em três partes. A primeira parte intitulada *Os sentidos da paisagem na Geografia*, apresenta a compreensão da paisagem dinâmica nos dias atuais, partindo do conceito de que o homem é indissociável das relações com a paisagem.

A segunda denominada *Feirinha do ontem*, faz um recorte temporal e espacial do objeto de estudo em questão, fazendo referência ao processo histórico e às relações dos sujeitos que povoaram o lugar. Trazendo as problemáticas e os conflitos que surgiram na formação desta paisagem ao longo dos anos.

A terceira, intitulada *As paisagens do hoje: as mudanças paisagísticas da Feirinha em Araguaína (TO)*, aborda as rupturas ocorridas durante o processo de revitalização da nova Feirinha, justificado pelo poder público como uma melhoria na estética da paisagem do local, pois a antiga paisagem não combinava com os novos empreendimentos no entorno do antigo local. Porém, essa discussão provocou muita desconfiança dos sujeitos que estão aguardando os desdobramentos da Prefeitura Municipal de Araguaína com relação à posse do novo empreendimento que será entregue em “breve”: será que o novo espaço irá contemplar a todos? Será que terão os mesmos clientes? Essas são algumas das inquietudes dos sujeitos, em relação à revitalização da paisagem em questão.

OS SENTIDOS DA PAISAGEM NA GEOGRAFIA

As discussões sobre a paisagem ou “paisagens” são amplas e complexas, com uma diversidade de conceitos e formas diferentes de análise na geografia. No estudo proposto partiremos da perspectiva de paisagem cultural em Andreotti (2010; 2012) e paisagem urbana em Carlos (2008). A escolha se deve à aproximação teórica que objetivamos com o estudo em compreender as “mudanças” na paisagem no sentido das transformações empreendidas no local para a alteração da forma e da funcionalidade, da substituição do “lugar da subversão” pelo lugar do concebido da cidade de “shopping popular”. A Feirinha ditava um congelamento obsoleto da expansão urbana dos primeiros anos da cidade de

Araguaína e uma paisagem não mais aceita no centro da cidade. Discutir a categoria paisagem e, mais especificamente, a paisagem urbana, tornou-se imprescindível na busca pelo entendimento da Feirinha, objeto principal de análise desta pesquisa.

A compreensão da paisagem na geografia contemporânea está indissociável das condições humanas. Enquanto fenômeno físico-natural ela está restrita às transformações advindas de fatores naturais como enchente, deslizamentos, erupções etc., mas, “[...] a paisagem não pode ser separada do homem, do seu espírito, da sua imaginação e percepção” (Andreotti, 2012, p. 6) que parafraseando Milton Santos (2006) afirma que a paisagem seria tudo que os olhos abarcam, ou seja, toda percepção humana sobre elementos físicos e humanos.

Na concepção de Andreotti (2012) existe uma visão da paisagem de forma genérica, na qual ela denomina em italiano de *tout court*. Tal como para a autora, esta interpretação não responde às significações da paisagem, com isso, defende-se a concepção de paisagem cultural. Esta se estabelece a partir de símbolos éticos e estéticos inseridos pelos habitantes em um processo que “[...] continua em desenvolvimento: vem da Antiguidade enriquecendo-se a cada século, integrando-se de espírito em espírito, modelando-se segundo as ideias, os sentidos, as expectativas dos povos que a construíram” (Andreotti, 2012, p. 8). Para tanto, podemos pensar o desenvolvimento de significação da paisagem como um processo dinâmico de significação e ressignificação.

Segundo Andreotti (2012, p. 11):

A paisagem ética e estética, a paisagem religiosa, a paisagem histórica, isso que nós chamamos paisagem cultural, se forma nas condições do equilíbrio funcional entre o homem e as matérias que teve à disposição. Porém, não é na força técnica do material que se reflete a mensagem estética, mas na confiança e na familiaridade elementar.

A paisagem possui caráter íntimo e individual para a autora, na qual, ao compormos a paisagem, esta nos desperta sentidos implícitos para cada sujeito. Vale ressaltar que esses sentimentos vivenciados na geografia dos locais podem ser sentidos em escalas diferentes. Por exemplo, o significado da paisagem para um morador que foi modificado e modificou a paisagem de um local ocorre de forma diferente de um visitante do local.

Sobre a percepção da paisagem na geografia, Andreotti (2010, p. 226) acrescenta:

O geógrafo, especialmente o amante da paisagem que é geograficamente e historicamente entendido do assunto, necessita saber que a paisagem é uma construção humana que provém de longa data, cuja elaboração é fruto de culturas sempre supervenientes, da integração de almas para almas, da tenaz disposição espiritual que tem resistido tornando-se tradição segundo a história e o tempo. Uma das peculiaridades da paisagem, entendida como construção humana e como diálogo entre o passado e o presente e entre a natureza e o espírito, é o prosseguir segundo uma tradição, segundo uma memória e segundo recordações.

Desse modo, a paisagem cultural é compreendida como uma construção humana, sendo assim, o sentido da paisagem está intrínseco com as relações humanas construídas

e reconstruídas ao longo do tempo, tendo significados a partir de sentimentos íntimos dos indivíduos por meio de suas tradições, memórias e recordações. Podemos afirmar que a paisagem é instável devido aos fatores humanos que a (re) constroem no tempo e no espaço. Neste sentido, em uma visão mais ampla, a paisagem consiste em uma produção humana.

O homem inventou-a para falar de si mesmo através da imagem. Somos nós mesmos na nossa paisagem. E isso porque nós modificamos o ambiente com todos os seus elementos naturais através das nossas atividades materiais, das necessidades políticas, das instâncias econômicas, dos ordenamentos jurídicos, mas sobretudo depositamos a nossa cultura e a nossa concepção de mundo (*Weltanschauung*), o nosso modo de pensar e viver, as nossas crenças religiosas, a nossa pulsão espiritual, os nossos símbolos e valores. Todos esses elementos constituem uma ética que, com o filtro do tempo, se torna uma estética. (Andreotti, 2012, p. 6).

A autora partiu da ideia de que a paisagem não é apenas modelada pelo homem, ela modela o homem. Dessa forma, podemos analisar a relação homem-paisagem como um ciclo de relações interligadas de interferência que estabelece novos significados à paisagem e, ao mesmo tempo, ao sujeito.

Andreotti (2012) buscou vários contextos para pensar a paisagem cultural, dentre eles a de rio ou mesmo a urbana. Fazendo um paralelo entre as pesquisadoras buscamos construir em Carlos (2008) o sentido de paisagem urbana estudado pela autora, especificamente em sua tese sobre a cidade de Cotia no Estado de São Paulo. Partimos do entendimento de que um estudo em paisagem trabalha com métodos e abordagens diversas.

Conforme Carlos (2008), sobre um estudo da dialética na produção do espaço urbano, a paisagem é uma construção histórica dinâmica criada pela materialidade das ações humanas. Ações imbricadas na lógica desigual capitalista, produtoras de espaços heterogêneos carregados de contradições sociais. Na definição da autora:

A paisagem urbana é a expressão da ‘ordem’ e do ‘caos’, manifestação formal do processo de produção do espaço urbano, colocando-se no nível do aparente e do imediato. O que importa considerar é como essa forma será compreendida e, conseqüentemente, analisada. Uma vez que o aspecto fenomênico se coloca como elemento visível, como a dimensão do real que cabe intuir, analisar e compreender, vamos inicialmente analisá-lo como representação de relações sociais reais que a sociedade cria em cada momento do seu processo de desenvolvimento. Conseqüentemente, essa forma se apresentará como histórica, especificamente determinada; logo, concreta. (Carlos, 2008, p. 44-45)

Nesta abordagem, a paisagem urbana está essencialmente manifestada na materialidade (realidade) das relações dos indivíduos em sociedade, que acontecem em um processo dinâmico de “(re)produção” do espaço urbano (Carlos, 2008).

O processo de mudança na paisagem possui um processo gradativo que acontece de transformação do espaço natural. “A natureza aos poucos deixa de ser natural, primitiva e desconhecida para se transformar em algo humano. A paisagem ganha novas cores e matizes, novos elementos, é reproduzida de acordo com as “necessidades humanas”.

(Carlos, 2008, p. 48-49). A paisagem urbana, nesta perspectiva, possui “dois elementos fundamentais: o primeiro diz respeito ao ‘espaço construído’, o imobilizado nas construções, e o segundo ao movimento da vida.” (Carlos, 2008, p. 50).

Ao buscarmos entender os sentidos da paisagem por meio de Andreotti (2010; 2012) e Carlos (2008), percebemos que a paisagem geográfica é uma paisagem dinâmica, ou seja, está em constante movimento histórico-espacial, sendo indissociável das relações sociais que a produzem.

A FEIRINHA DO ONTEM

A pesquisa realizada na Feirinha foi desenvolvida por métodos qualitativos utilizando das entrevistas e descrição in lócus. O foco das entrevistas foi compreender o processo de ocupação do espaço geográfico com as suas dinâmicas cotidianas representadas por sujeitos que fizeram parte desse processo e que, de certa forma tinham alguma contribuição cultural, política, religiosa e ética com a Feirinha. De acordo com Pereira (2013, p. 138), “as abordagens não podem esquecer-se da complexidade que é entender o ser humano e suas relações sociais cotidianas no lugar”.

Os entrevistados foram cinco homens e uma mulher, em outubro de 2019. Durante algumas dessas conversas foi possível perceber o sentimento de pertencimento com o lugar, sem preocupação com a estética da paisagem que, ao longo dos anos, ia se transformando. Nesse sentido, o homem é capaz de modificar a paisagem e organizar o espaço a partir das suas necessidades de sobrevivência. Partindo desse ponto, construímos diálogos com esses sujeitos que contribuíram com a história da Feirinha desde a sua realocação da localidade da praça das Bandeiras na década de 1970, até o momento em que o lugar apresentou um alto índice de violência, levando alguns comerciantes a deixarem o seu local de trabalho.

De acordo com o Entrevistado 1, a região conhecida como Feirinha se consolidou conforme o sítio urbano era ocupado, se desenvolvia e o crescimento da cidade modificava seu papel regional. O local inicialmente era um simples cruzamento entre duas estradas que davam acesso à área central da cidade de Araguaína. “Era como um atalho para encurtar caminho” (Entrevistado 1). Neste cenário, a cidade de Araguaína ainda era pequena (população em torno de 40 mil habitantes, mas a maior cidade do norte de Goiás) com as construções muito esparsas.

De início, a área passou de uma paisagem natural de Cerrado/Floresta Amazônica para uma paisagem cultural transformada e construída pelas mãos dos próprios feirantes, isso dentro das suas condições financeiras. De modo que havia um mosaico de construções e acomodações, (uma vez que nem todos os feirantes possuíam pontos fixos no local) de variadas estruturas.

A Feirinha é, portanto, fruto da dinâmica produzida pelos camponeses do entorno da cidade que vinham vender os excedentes de sua produção agrícola em Araguaína (Morais, 2009, p. 24). O comércio dessa produção aconteceu primeiramente na área central da cidade, na praça das Bandeiras. A feira em Araguaína foi passando por um processo histórico

de mobilidade no espaço na cidade até parte desses feirantes se firmarem no ano de 1977, com autorização da prefeitura, no lugar onde construíram a Feirinha (Morais, 2009, p. 24).

Como centro regional consolidado, Araguaína tinha necessidades de escoamento dos produtos cultivados de sua zona rural e de municípios do entorno. As variedades na produção contribuíram para a dinâmica e mudanças nos locais de trocas e vendas dos produtos no período de 1970 a 1978, ano que se estabeleceu um lugar fixo para a feira. Segundo o Entrevistado 2, um ex-feirante, no processo de escolha da Feirinha foi observado um espaço “vazio” da cidade, local do Posto Jaó e de um campo de futebol, com área de vegetação nativa em volta. *“A Feirinha é mais velha que o Bairro do São João. Era só mato, na época só existia o Posto Jaó naquele lugar. As pessoas iam colocando a sua banca por conta própria. A Prefeitura não ajudou ninguém no início, somente alguns anos depois é que os feirantes receberam os documentos, chamado de Cessão de Direitos e ninguém poderia mais mandar os feirantes sair dos pontos.”* (Entrevistado 2).

Durante esse processo de ocupação da Feirinha, os sujeitos que fizeram parte desse espaço estavam contribuindo de forma direta e indireta para o chamado “progresso na região”. A Feirinha teve papel relevante no processo de mão de obra para a derrubada de matas nativas para aberturas de fazenda, dando início ao estabelecimento da atividade agropecuária no município de Araguaína e nas proximidades. Este movimento trouxe para Araguaína um aumento no fluxo de pessoas que chegavam à cidade em busca de alimentos e ferramentas para o trabalho nas fazendas e para contratação de novos trabalhadores. Como destacou Sousa (2018, p.17), “[...] a Feirinha também serviu de área de recrutamento de trabalhadores que eram levados para as fazendas a servirem de mão de obra barata, trabalho escravo que perdurou por muitos anos”. O Entrevistado 2 reafirma esse fato de acordo com a sua visão empírica, dizendo que esse movimento foi bom para o desenvolvimento da área da Feirinha no início da sua formação: *“As vendas começaram a crescer quando vinha muito peão das fazendas juntamente com os ‘gatos’ era os empreiteiros, as fazendas estavam abrindo então precisava de muitos trabalhadores para derrubar a floresta, pois o serviço era feito com machado e foice porque não tinha motosserra e trator, quem tinha ponto na Feirinha vendia muito para alimentar esses trabalhadores nas fazendas, então quando eles estavam na cidade era venda certa de carne.”* (Entrevistado 2).

Apesar da satisfação de boas vendas na feira, devido ao fluxo de pessoas chegando e partindo, para permanecer no local os feirantes passaram por dificuldades e conflitos. O lugar sempre foi marcado pela desigualdade social, começando a ocorrer os primeiros assaltos na cidade. Ainda de acordo com o Entrevistado 2, “[...] começou a chegar as (ganges), ou seja, começou a ficar violento.” Outro fator de violência ocorreu com a chegada da prostituição no local, devido ao aumento no fluxo de trabalhadores no local. Começaram então a surgir as pensões para pouso e a procura por prostitutas.

Como afirmou a Entrevistada 3, que possuía um estabelecimento no final da década de 1970, aproximadamente a 500 metros da Feirinha, esta rua era chamada de *“Cabaré Grande”*. Ela afirma que o local era muito frequentado por trabalhadores rurais, garimpeiros e caminhoneiros, e na época os donos desses estabelecimentos ganhavam um bom dinheiro. Todavia, segundo a entrevistada, um empresário da cidade começou a comprar

propriedades próximas à rua do “*Cabaré grande*”, colocando fim a essas atividades. Contudo, o *Cabaré* acabou migrando para a localidade da Feirinha e desencadeando algumas consequências para a formação/reputação do lugar.

As paisagens que davam vida ao local foram construídas de acordo com as condições de cada morador/comerciante dentro de suas éticas/poder culturais e econômicos, formando a estética do local. Como acrescenta o Entrevistado 1, “*As casas de moradias e barracões de comércio eram construídas de madeira e a rua empicarrada. Mas, segundo ele, o local era seguro e receptivo, Ali chegavam os tropeiros, trabalhadores rurais e passavam viajantes.*” Logo que, ao longo das décadas e com o alcance dos proprietários a melhores condições, ocorreram algumas transformações. Com o crescimento da cidade, a área que antes ficava afastada do centro foi cercada por bairros e ganhou novos investidores. Estes começaram a construir prédios e viram na Feirinha uma favela, um local inóspito e, ainda mais grave, um local de consumo e venda de drogas. Os andarilhos e moradores de rua tornaram-se a paisagem visível do lugar, enquanto os noticiários mostravam os assassinatos nas ruas próximas. Na paisagem imaginária do lugar a Feirinha não era mais vista como uma feira, mas como local que deveria ser destruído, modificado para permanecer em frente ao comércio que ali se instalou e entrar em harmonia com a igreja ali construída. A Feirinha, da forma que existia, não poderia mais continuar presente na paisagem da cidade.

AS PAISAGENS DO HOJE: AS MUDANÇAS PAISAGÍSTICAS DA FEIRINHA EM ARAGUAÍNA (TO)

A Feirinha é uma paisagem urbana e cultural dinâmica que passa atualmente por mudanças na sua estrutura física e na sua ocupação social. A princípio, a localidade da Feirinha, apesar da simplicidade, pouca estrutura e organização adequada, era bem vista e muito frequentada pela população próxima e também pelos mais distantes. O comércio, principal elemento fundador do local, tinha bom fluxo de mercadorias, gerava renda e emprego. Contudo, a partir da expansão e desenvolvimento da cidade e desinteresse da gestão municipal e/ou estadual, o entorno da Feirinha foi sendo esquecido, abandonado e degradado. A paisagem composta por uma estrutura simples, mas acolhedora, das casas e comércios amontoados, cedeu lugar a uma imagem suja, fétida e perigosa. Segundo o Entrevistado 4, os corredores das ruas estreitas por onde antes circulavam feirantes e visitantes, foram tomados pelo tráfico de drogas, pela prostituição e por constantes homicídios.

O espaço produzido gerou desigualdades entre o comércio da Feirinha e o seu entorno. Nesta, muito mais movimentada pela amizade de outrora, pelo bêbado que aproveitava o local para beber e levar o arroz e o feijão para casa, pela economia de aviamento, modelo da venda praticado na economia da borracha (Loureiro, 1992). Na contribuição ao entendimento, Carlos (2008, p. 50) ressalta “os choques dos contrastes, das diferenças” da paisagem urbana:

Tais diferenciações baseiam-se no fato de que a cidade é antes de mais nada uma concentração de pessoas exercendo, em função da divisão social do trabalho, uma série

de atividades concorrentes ou complementares, o que enreda uma disputa de usos. Por outro lado, a produção do espaço urbano fundamenta-se num processo desigual; logo, o espaço deverá, necessariamente, refletir contradições.

A disputa de usos do espaço de uma área antes periférica, tornada central, representa o ponto de conflito em permanência/retirada do lugar. Com o crescimento da economia na cidade de Araguaína, veio também a exclusão e marginalização social. Logo se evidenciava a desigualdade social, o que se constata ao observar a “localização” e a estrutura física de alguns bairros. As áreas na malha urbana bem localizadas ou estratégicas no espaço geográfico, que dispõem de facilidade de movimento, se tornaram áreas de disputas e conflitos, principalmente de uso. Nas cidades, os mais visíveis ocorrem entre áreas residenciais e comerciais (Vasconcelos Filho, 2015).

Quanto mais aumentava a procura por produtos e serviços da Feirinha, consecutivamente aumentava a demanda no local. Porém, o local onde se concentravam os mercados acumulava alguns problemas, sem serviço de saneamento básico adequado ou incentivo da gestão municipal. Logo, com o aumento das atividades, fluxo de pessoas e animais, os problemas se agravaram e geraram desinteresse por parte de alguns clientes em adentrar na Feirinha. Com o aumento dos problemas sociais, o lugar se tornou vulnerável à violência, como pontos de venda de drogas e consumo por algumas pessoas que ali frequentavam, provocando uma topofobia da paisagem nas pessoas que não compreendiam o contexto histórico/social. O Entrevistado 5, um ex-comerciante do local, corrobora com o entendimento de que o aumento de roubos e uso de drogas ilícitas, prostituição e homicídios, acabaram por “denegrir” definitivamente a paisagem e, consecutivamente, a imagem do local.

Outro fator que contribuiu para a “quebra” e falência da antiga Feirinha, segundo o Entrevistado 5, foi a chegada dos supermercados. Isto porque, segundo ele, além oferecer uma estrutura confortável e com maior segurança, também ofereciam uma grande variedade de produtos com preços menores do que os disponibilizados pelos feirantes. A paisagem representa uma característica periférica que provoca uma desvalorização dos novos empreendimentos próximos ao local, pois a diminuição de vendas na Feirinha se deu com a chegada dos supermercados Cardoso e Tiradentes no final da década de 1980. Com o crescimento da cidade novos supermercados chegaram às proximidades, dois supermercados da rede Campelo, e um supermercado da rede Baratão. Com o crescimento urbano, a Feirinha entrou no plano de revitalização determinando-se para isso que se tratava de um espaço insalubre, visto que se tratava de falta de segurança e muitos usuários de drogas se tornando um problema de saúde pública no local.

Como afirma Pereira (2013), “as pessoas, de uma maneira geral, afirmaram que a paisagem da Feirinha é uma das mais degradantes da cidade de Araguaína e justificam a razão dessas leituras que elas fazem sobre o local”. Essa leitura é baseada na moral cultural dos sujeitos. Ao perguntar para as pessoas o que elas pensam sobre a paisagem da Feirinha, elas respondem de forma particular a partir da relação que possuíam com a paisagem.

Desse modo, a Feirinha se tornou um local feio e indesejado pela maior parte da população araguainense, o que se confirma pela redução gradativa de consumidores no

local. O Entrevistado 4, que era comerciante no local, afirma que *“Tinha dias e às vezes até semanas que não se apurava sequer dez reais.”* Desse modo, o problema da Feirinha se tornou um impasse também para a gestão municipal, principalmente pelo fato de a área se localizar às margens da Avenida Filadélfia, uma das principais vias de acesso à cidade de Araguaína e também via de grande fluxo para cidades circunvizinhas (Fig. 1); uma constatação da mudança é a duplicação da Avenida Filadélfia após a demolição da Feirinha.

Devido a esses fatores, a paisagem da Feirinha, que de início refletia os símbolos, gostos e modos de vida de seus habitantes, hoje cedeu seu espaço físico a um novo empreendimento, que desperta expectativa e desconfiança com os novos símbolos e representações. Segundo o portal de notícias da Prefeitura Municipal:

O novo empreendimento será construído na Avenida Filadélfia, esquina com a avenida Prefeito João de Sousa Lima. Os investimentos previstos em parceria com o governo do Estado, para execução das obras são de R\$ 6 milhões, que garantirão a construção de 24 boxes térreos para os comerciantes, 9 boxes para os restaurantes e uma praça de alimentação com uma área de 858 m². A nova estrutura disponibilizará para a população araguaíense rampas com acessibilidade, elevador para portadores de deficiência, banheiros e estacionamento para carros e motos (Prefeitura, 2014, n.p.).

Figura 1: A Feirinha do ontem. Vista panorâmica da área comercial que foi demolida.



Fonte: Folha do Bico (2017)¹.

1 Disponível em: <https://www.folhadobico.com.br/comissao-realiza-visita-para-construcao-da-nova-feirinha-em-araguaína-to/>. Acesso em: 01 out. 2019.

De acordo com o exposto, percebe-se que a perspectiva de paisagem para o local perde a relação cultural da sua origem ética e estética, entre quem construiu e quem vivenciará a “Nova Feirinha”, mas, quando questionado ao Entrevistado 4 sobre o ontem e o hoje da Feirinha, sobre a estética da paisagem do local, ele afirmou que *“Os barracos eram feios, porque durante a construção a Prefeitura não ajudou ninguém e os feirantes não tinham incentivo financeiro. A Prefeitura derrubou tudo para ficar mais bonito, mas eu não acredito que aquele prédio será entregue aos pobres.”*

Em junho de 2017, iniciou-se o processo de desocupação dos moradores e comerciantes da Feirinha, a primeira etapa terminou com 82 imóveis demolidos e R\$ 498.786,09 pagos em indenização (Martin, 2018).

[...] a data 27 de junho de 2017 foi um dia marcante para os comerciantes da Feirinha. Um dia de dor, revolta e tristeza por não saber de fato o que iria acontecer com suas vidas daquele dia em diante. Segundo os relatos dos mesmos, a partir daquele momento houve algumas reuniões para que fosse decidido o destino de cada comerciante, donos de bares, mercearias, barbearias, entre outros (Sousa, 2018, p. 31).

Com a demolição parcial da Feirinha os comerciantes desta área foram desocupando seus espaços. Parte dos comerciantes foram remanejados para um galpão provisório (Fig. 2) localizado duas quadras acima do antigo local.

Figura 2: Galpão destinado à realocação dos comerciantes da antiga Feirinha



Foto: O. Oliveira de Moura, 2020.

Neste galpão, segundo o Entrevistado 5, não se encontram todos os comerciantes da antiga Feirinha, uma vez que alguns desistiram dos pontos de venda devido às dificuldades de negociação, outros entraram em acordo e foram indenizados pela Prefeitura Municipal. O mesmo entrevistado acrescenta que de todos os antigos comerciantes da Feirinha, só

terão “direito” a retornar para o novo empreendimento que está sendo construídos no local da antiga Feirinha, aqueles que permanecerem no galpão improvisado.

O intuito do projeto para a Nova Feirinha é harmonizar o ambiente, buscando interpretar e satisfazer o “desejo maior”, o sentimento de paz e a segurança no local. Nesta perspectiva, a criação da Nova Feirinha rompe com a construção cultural daquela paisagem. Segundo Andreotti (2012, p. 9), “uma das conotações que faz da paisagem cultural um *quid* ético e estético é a *eurritmia*, que nem sempre quer dizer composição rítmica, harmonia regularizada inspirada em uma unidade estilística”.

O propósito do projeto para a Nova Feirinha é o de uma paisagem planejada construída a partir de tecnologias modernas, sem a necessidade de sugestões daqueles que lá trabalharão. Os Entrevistados 5 e 4 se mostraram entusiasmados sobre a construção da nova paisagem da Feirinha, e com grande perspectiva na melhoria de vida e sucesso de seus negócios. No entanto, o Entrevistado 6 se mostrou incomodado e relatou que “*essa invenção só serviu para destruir a Feirinha e tirar o ponto de trabalho de uma vida inteira de muitos*”.

Figura 3: Feirinha do hoje. Um espaço concebido pela Prefeitura



Foto: os autores, 2022.

A partir das entrevistas, o que se percebeu é que a ideia do novo traz além de uma grande expectativa, muitas dúvidas e explicações pouco convincentes para os sujeitos envolvidos no processo de mudanças. O projeto de construção da Nova Feirinha, iniciado em 2017, carrega no seu bojo conjeturas divergentes, entre expectativas de melhores condições de vida, e o sentimento de tristeza e estranheza daqueles que sabem que dentro desta paisagem que se reestrutura, não haverá espaço para todos (Fig. 3). Inexistem traços éticos ou estéticos dos antigos vivenciadores do local, a nova paisagem que se consolida no local não traz em sua estrutura a história das lutas e resistências dos seus antigos

moradores. Para alguns é como se a história fosse apagada, pois não se identificam com o novo espaço, para outros, a nova paisagem se estrutura como uma luz de esperança rumo à modernidade e ao tão almejado progresso.

Contudo, fica evidente que está havendo uma mutação abrupta na paisagem da Feirinha. O local que antes exibia traços éticos com uma estética voltada à cultura dos sujeitos que iniciaram o seu processo de construção ainda em 1977, hoje (2020) se encontra num processo de consolidação de uma estética concebida pela gestão pública municipal, que de maneira idealizada busca harmonizar a paisagem do local com os novos padrões estruturais consolidados em seu entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre paisagem urbana/cultural da Feirinha em Araguaína nos proporcionou um entendimento da relação do sujeito com a paisagem. Como ele tem um papel fundamental na transformação da paisagem urbana, partindo do entendimento de que as configurações de cada lugar apresentam característica cultural de cada indivíduo que faz parte de um processo histórico, então pode-se dizer que a paisagem da Feirinha apresentava referências estéticas e éticas que estão sendo rompidas pela entrada de novas opiniões culturais advindas de novos sujeitos.

Os resultados da pesquisa apontaram a inserção da Feirinha na história de Araguaína e as atividades desenvolvidas durante anos no local fizeram parte do desenvolvimento da zona rural do entorno da cidade, sendo por muito tempo ponto de apoio para os trabalhadores rurais que estavam na região fazendo as derrubadas para as novas fazendas que buscavam ampliação da atividade agropecuária. O chamado “gato” chegava à região com a intenção de contratar o maior número de trabalhadores, e com isso movimentava a economia local.

Mesmo com conflitos, a Feirinha por muito tempo foi ponto de encontro e desencontro de muitos homens e mulheres que participaram da formação dessa paisagem que incomodava e provocava fobia em muitos sujeitos. Nesse sentido, a paisagem não combinava mais com o chamado “progresso” urbano, provocando um interesse de melhorias no lugar e partindo para uma transformação, como a demolição parcial da antiga paisagem urbana.

Em uma análise da opinião dos entrevistados percebeu-se o sentimento de pertencimento com a paisagem anterior do lugar, afirmam que olhando para a nova paisagem não reconhecem nenhuma conexão nem sentido com o lugar em que trabalharam durante a vida inteira. Esse sentimento gerou muitos conflitos com o poder público, pois o processo de remanejamento dos feirantes foi conturbado devido ao descaso com as particularidades de cada sujeito inserido no processo.

A construção da Nova Feirinha provocou conflitos de interesses diferentes entre os ocupantes do processo, pois durante a negociação com a Prefeitura Municipal foi proposto o remanejamento de alguns feirantes para o novo espaço, que era um galpão próximo à antiga localidade, com a promessa de que quando chegasse o fim da revitalização eles

iriam fazer parte do novo empreendimento se permanecessem no local improvisado. No entanto, muitos feirantes não aceitaram a proposta e tiveram que receber uma quantia simbólica pelo ponto comercial, mas para eles esse valor não pagaria anos de suas vidas trabalhados no local. Esses sujeitos se sentem excluídos do projeto da prefeitura para o novo espaço.

Portanto, constatamos que as mutações que ocorreram na paisagem da Feirinha se deram no processo histórico de transformação do espaço no qual os sujeitos agregaram sentimentos com essa paisagem e sabem que dessa paisagem muitos serão excluídos, pois entre expectativas de melhores condições de vida, e o sentimento de tristeza e estranhamento daqueles que sabem que dentro desta paisagem que se reestrutura, não haverá espaço para todos. Hoje o que observamos é uma nova paisagem, que o ético e estético dos sujeitos que constituíram o espaço urbano/cultural já não existe, e agora precisam se relacionar com a nova paisagem.

REFERÊNCIAS

- Andreotti, G. (2010) Paisagens do espírito: a encenação da alma. *Ateliê Geográfico*, 4(4): 264-280.
- Andreotti, G. (2012) O senso ético e estético da paisagem. *Ra'e'ga*, 24: 5-17.
- Araguaína. (2014, outubro 03) Prefeitura abre licitação para construção da Nova Feirinha. Araguaína, Recuperado de: <http://www.araguaina.to.gov.br/portal/paginas.php?p=not¬=noticias&id=716>
- Carlos, A.F. (2008) *A (Re)Produção do Espaço Urbano*. São Paulo: EDUSP.
- Loureiro, V.R. (1992) *Amazônia: Estado, homem, natureza*. (Coleção Amazoniana, 1). Belém: CEJUP
- Martin, F. (2018, maio 12) Prefeitura de Araguaína abre licitação para construção da Nova Feirinha. Prefeitura de Araguaína. Recuperado de <http://www.araguaina.to.gov.br/portal/paginas.php?p=not¬=noticias&id=2977>
- Morais, S.C. (2009) *A Feirinha no Contexto Socioeconômico e Cultural de Araguaína - TO*. Monografia de graduação em Geografia. Universidade Federal do Tocantins, UFTO, Araguaína, TO, Brasil.
- Pereira, A.J. (2013) *Leituras de paisagens urbanas: um estudo de Araguaína-TO*. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, MG, Brasil.
- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP.
- Sousa, G. S. (2018). *Um estudo sobre os itinerários, lugares e memórias dos indivíduos da Feirinha em Araguaína, Tocantins*. Monografia de Graduação em Geografia. Universidade Federal do Tocantins, UFTO, Araguaína, TO, Brasil.
- Vasconcelos Filho, J.M. (2015) Análise e discussões sobre o direito à moradia adequada no Brasil: em foco a cidade de Araguaína - TO. *Revista de Direito da Cidade*, 7(4):1645-1681. <http://dx.doi.org/10.12957/rdc.2015.20910>

Recebido em 03/abr./2020

Aceito em 02/fev./2022

Publicado em 01/out./2022